



Refletindo sobre as Etnicidades como um importante marcador no saber das Mulheres Benzedeiras quilombolas de Mumbuca-BA

Isabela de Jesus Gomes*¹, Mainara Mizzi Rocha Fronta Rocha Fronta¹

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
*isabellegomes295@gmail.com

TRABALHOS COMPLETOS: GT 02- Etnia, Gênero e Diversidade Sexual.

RESUMO

Procuro discutir neste trabalho como os saberes tradicionais das mulheres benzedeiras quilombolas da comunidade de Mumbuca, localizada em Bom Jesus da Serra –BA, relaciona memória e etnicidades. As benzedeiras são figuras centrais na preservação de saberes ancestrais, desempenhando papel fundamental na construção da identidade quilombola e na transmissão oral de práticas religiosas e de cura. Nesse trabalho, a autora, uma membra ativa procura destacar a importância da benzeção como marcador étnico e elemento de pertencimento, revelando que esses saberes não são estáticos, mas constantemente ressignificados. A etnicidade é compreendida como um processo dinâmico, relacional e performático, que se manifesta por meio de símbolos, ritos, linguagem e práticas diferenciadas entre as próprias benzedeiras, além disso, o estudo evidencia as fronteiras diacríticas presentes na prática da benzeção, apontando as diferenças entre as benzedeiras quanto aos modos de rezar, objetos utilizados e públicos atendidos. Por fim, reafirma-se a importância desses saberes como formas de resistência frente à hegemonia dos saberes instituídos, promovendo a valorização da memória e da ancestralidade como estratégias de afirmação política e cultural das comunidades quilombolas.

Palavras-chave: Etnicidades; Saberes; Mulheres Benzedeiras.

Submetido em: 10/10/2025 | **Aceito em:** 10/11/2025

Introdução

As mulheres benzedeiras são integrantes de grande importância para a dinamização da vida no quilombo de Mumbuca, contribuindo significativamente para a consolidação de saberes tradicionais relevantes na comunidade. Com isso, as etnicidades são ressaltadas como um marcador de resistência cultural e de afirmação de identidades. Este trabalho é parte da pesquisa intitulada Os saberes, a memória e as etnicidades das mulheres benzedeiras quilombolas da comunidade de Mumbuca e tem como objetivo investigar como os saberes das benzedeiras e suas etnicidades contribuem para a construção da memória nesse quilombo.



Como moradora do quilombo, a minha relação com a comunidade investigada parte de um vínculo afetivo e cultural com as participantes da pesquisa. Tal inserção, possibilita acesso privilegiado às mulheres benzedadeiras locais, que são reconhecidas como figuras centrais na preservação e transmissão de saberes tradicionais, bem como na constituição da memória coletiva da comunidade quilombola de Mumbuca, localizada em Bom Jesus da Serra, BA. Nesse contexto, essas mulheres se apresentam não apenas como fontes orais do conhecimento, mas como verdadeiras protagonistas de uma história viva, que resiste ao apagamento histórico e cultural por meio da prática da benzeção, da oralidade e das redes de cuidado. Ao valorizar essas vozes e práticas, a pesquisa busca contribuir para o fortalecimento da identidade quilombola, o reconhecimento dos saberes ancestrais e a promoção de uma realidade em que esses saberes e memórias dos povos tradicionais sejam preservados e valorizados.

As benzedadeiras desempenham um papel crucial na preservação da memória e da cultura quilombola. Por meio de suas práticas religiosas e de cura, garantem que o conhecimento tradicional seja transmitido entre gerações, fortalecendo a identidade da comunidade. A experiência acumulada em suas atividades não só contribui para a cura, mas também resguarda saberes ancestrais, reafirmando a continuidade dos conhecimentos do quilombo. Esses saberes são fundamentais para a eficácia da benzeção. A benzedeira, por meio da memorização de ensalmos e jaculatórias, torna-se uma guardiã da memória desse ato, possibilitando a perpetuação dos conhecimentos orais que constituem uma parte significativa da cultura do quilombo.

A etnicidade da benzeção enquanto pertencimento e as fronteiras diacríticas na mesma prática

Tratar dos saberes tradicionais das benzedadeiras de Mumbuca é falar de lugar de pertencimento, visto que estamos tratando de mulheres quilombolas e que em suas diversas relações étnicas têm a prática da benzeção como elemento distintivo. Isso torna essa prática um traço diacrítico entre os demais membros da comunidade e as mulheres que dominam esse saber. Esse contraste pode ser observado mesmo



dentro do mesmo grupo étnico. Diante disso, entendemos que a etnicidade presente na benzeção “é essencialmente a forma de interação entre grupos culturais operando dentro de contextos sociais comuns” (CARDOSO, 2003, p. 137). Ou seja, essas interações permitem que as etnicidades se confluem para construir as relações étnicas do quilombo.

A benzeção é um fator cultural relevante na comunidade por fazer parte de sua religiosidade, adquirindo novas formas de definir o pertencimento quilombola. Assim como argumenta Cunha (2003), a etnicidade não é determinada por traços estáticos, mas pela adscrição, ou seja, pela forma como os indivíduos se reconhecem e são reconhecidos. Nesse ponto, Cunha (2003) corrobora com Souza (2001), que entende a benzeção da seguinte forma:

A benzedura não é uma atividade que ficou no passado, ela é atual, sendo renovada, modificada e reconstruída a cada tempo, tornando-se uma realidade dinâmica. [...] Esse tipo de transmissão é fortemente regida pela tradição oral. Como vimos, a benzedura vem sendo ressignificada para continuar (re)existindo. Nesse caso, o conhecimento adquirido por essas mulheres permite que integrem um papel social no seu local de vivência que as distingue tanto dos papéis destinados aos homens como também das demais mulheres da comunidade. (SOUZA, 2001, p. 100-101)

As mulheres benzedoras de Mumbuca definem como serão reconhecidas pelo lugar social do qual fazem parte. Apesar de compartilharem o mesmo grupo étnico, afirmam seu pertencimento por meio de sua prática e do saber-fazer ancestral, tradicionalmente transmitido entre gerações. Sua etnicidade é propagada a partir dos símbolos, ritos, linguagem e performances comuns ao rezar e benzer, sendo reconhecidas em seu grupo como portadoras de conhecimentos próprios. Esse reconhecimento desvela as etnicidades comuns ao quilombo, ratificadas pela prática da benzeção e pela procura de seus serviços pelos moradores.

É de suma importância o reconhecimento do saber-fazer da benzedura pelos grupos que o acessam. O pertencimento, principalmente étnico, de uma comunidade quilombola, permite compreender que “os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores sociais” (BARTH, 1998, p. 189). Ou seja, a identidade étnica é, ao mesmo tempo, atribuída



por outros (como forma de rotular ou reconhecer alguém como pertencente a um grupo) e também assumida ou reivindicada pelos próprios sujeitos. Quem busca a benzedeira e seu saber reconhece essa prática como legítima e identifica-se como sujeito social do quilombo, gerando um pertencimento comum.

A procura por benzedadeiras ainda é um fato rotineiro em alguns grupos com acesso limitado aos serviços de saúde, especialmente em comunidades tradicionais, rurais e de classes sociais mais baixas. Isso evidencia uma fronteira institucional no acesso à saúde pública, sendo essas comunidades entendidas por Cardoso (2003) como grupos étnicos minoritários. Nessa mesma linha, Arruti (2014) corrobora que “a etnicidade é inseparável de processos históricos, políticas de reconhecimento e conflitos em torno do respeito e do desrespeito” (ARRUTI, 2014, p. 208–209). As etnicidades presentes nos saberes das benzedadeiras coabitam com os conflitos sociais existentes na sociedade.

A etnicidade pode ser performada, simbolicamente vivida e reivindicada por indivíduos que compartilham uma identidade comum. Ela não precisa conter fronteiras rígidas. Em vez disso, pode se expressar por formas de identificação, comportamento, linguagem, símbolos e narrativas que conectam os indivíduos a uma ideia de pertencimento comum. Nesse sentido, as benzedadeiras pautam uma etnicidade dinâmica no quilombo de Mumbuca por “ser compreendida como categoria aberta, capaz de descrever realidades em que as performances identitárias não se vinculam a grupos concretos, mas a comunidades imaginadas” (ARRUTI, 2014, p. 207–208) e nesse caso, pensar as benzedadeiras não se trata de pensar em um estereótipo fixo, pois esses saberes se reinventam e se resinificam com o tempo, assim como afirma Souza (2001).

Embora o presente estudo trate de um grupo étnico que se identifica como quilombolas, sabemos que, em cada contexto, essas populações assumem características distintas, algumas das quais são comuns mesmo sem haver relação direta. Retomando Cunha (1979) como amparo teórico ela diz: “a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados” (p. 101), diante disso, podemos perceber uma aproximação com as afirmações de Souza (2001) e



Cunha, bem como de Arruti (2014), sobre as reformulações existentes na cultura que redefine as etnicidades dos grupos.

O saber-fazer das mulheres benzedadeiras, enquanto prática carregada de etnicidade distingue-se de uma para outra, mesmo dentro de um mesmo território étnico, como é o caso do quilombo de Mumbuca. Cada uma redefine, dentro de sua própria experiência, traços diacríticos da mesma prática.

Os símbolos presentes na benzeção são fundamentais para identificar etnicidades expressas na prática, pois neles estão impressos os traços étnicos e os elementos simbólicos transmitidos geracionalmente de forma implícita. O vestir da benzedeira, por exemplo, expressa etnicidade ao refletir seu modo de vida e seu imaginário de mundo. A linguagem utilizada nas rezas, muitas vezes centrada nos santos católicos e na Santíssima Trindade, revela uma etnicidade miscigenada, mesmo dentro de um quilombo.

Dessa forma, “essas fronteiras se expressam por estruturas de interação social, regras e códigos que regulam encontros interétnicos e preservam identidades distintas, mesmo em contextos de contato cultural intenso” (ARRUTI, 2014, p. 206). As benzedadeiras rezam de formas distintas, usam ramos, terços, cordões com amarrações etc. Esses são traços diacríticos que diferenciam uma prática com a mesma finalidade. Algumas indicam remédios, outras não; algumas rezam para todos os males, outras apenas para males específicos; umas atendem adultos e crianças, outras apenas um grupo. Nessas diferenças contemplamos a etnicidade e a construção individual que cada benzedeira faz de seu saber.

Com base em Barth (1969), Arruti destaca que os grupos étnicos não são definidos por conteúdos culturais fixos, mas pela interação e pela manutenção de fronteiras sociais: “O grupo étnico não está baseado nem na ocupação de territórios exclusivos, nem no isolamento, mas na reafirmação contínua de sua diferença na relação e em relação aos outros” (ARRUTI, 2014, p. 206). Assim, “a etnicidade é menos uma essência do grupo e mais uma atitude, uma performance em situações de alteridade, sendo uma categoria dinâmica e relacional” (ARRUTI, 2014, p. 206–207).

A etnicidade da benzeção enquanto um traço de resistência



Ao falarmos da preservação de saberes tradicionais em comunidades cuja transmissão é essencialmente oral, é necessário considerar a urgência de salvaguardar tais conhecimentos. Com a modernidade, práticas populares vêm sendo colocadas em risco de esquecimento. A resistência da oralidade tem sido fundamental para manter vivos esses saberes por gerações. “Ficou claro que a etnicidade, como qualquer forma de reivindicação cultural, é uma forma importante de protestos eminentemente políticos” (ARRUTI, 2014, p. 108), nesse aspecto, as disputas por espaço que discuta essas práticas dentro uma perspectiva decolonial, reivindica a possibilidade de manutenção e escancara a necessidade política de valorização desses saberes enquanto conhecimento prático de existência. Portanto, político.

A etnicidade é também uma forma de ação política, reivindicação e resistência. Enquanto povo quilombola, historicamente temos enfrentado tentativas de silenciamento e apagamento dos saberes ancestrais. Contudo, é justamente nesses traços de resistência como o saber das benzedadeiras que a memória se torna uma ferramenta de resistência cultural, permitindo o acesso à ancestralidade. Esses resquícios étnicos de identificação com a nossa história são também resistência coletiva. Como aponta Cunha:

A etnicidade faz da tradição ideologia, ao fazer passar o outro pelo mesmo; e faz da tradição um mito na medida em que os elementos culturais que se tornaram 'outros', pelo rearranjo e simplificação a que foram submetidos, precisamente para se tornarem diacríticos, se encontram por isso mesmo sobrecarregados de sentido. (CUNHA, 1979, p. 102)

Preservar os saberes dos povos originários e das comunidades tradicionais é manter viva a memória e a história dos nossos ancestrais. É honrar um saber historicamente construído e continuamente disputado. Reconhecer, valorizar e preservar esses saberes é permitir que práticas seculares de cura e relação com o mundo sobrevivam à hegemonia que define o que é ou não conhecimento desconsiderando, muitas vezes, saberes socialmente identitários e historicamente acumulados.

Considerações Finais



A partir dessa discussão os saberes das mulheres benzedeiras quilombolas da comunidade de Mumbuca, fica evidente que a benzeção transcende a prática religiosa e de cura, constituindo-se como um importante marcador de etnicidades. Essas mulheres, por meio de sua atuação cotidiana, reafirmam pertencimentos, constroem memórias coletivas e sustentam uma rede de cuidado essencial à vida comunitária. A etnicidade presente na benzeção é performada e atualizada em diferentes formas de rezar, vestir e curar, revelando fronteiras simbólicas dentro do próprio grupo étnico, ainda que compartilhando o mesmo território e origem.

A prática da benzeção, portanto, é um saber ancestral que resiste às dinâmicas de silenciamento impostas historicamente aos povos quilombolas. Sua força está na oralidade, na experiência vivida e na legitimidade social atribuída pelas próprias comunidades. Reconhecer essas práticas como legítimas formas de conhecimento é compreender que a etnicidade não é um dado fixo, mas uma construção contínua e relacional. As benzedeiras de Mumbuca, ao manterem vivo esse saber-fazer, reafirmam não só suas identidades individuais e coletivas, mas também produzem formas de resistência que desafiam a exclusão e reafirmam a riqueza dos saberes tradicionais na constituição da história e das etnicidades quilombola.

Referências:

ARRUTI, José Maurício. Etnicidade. **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Lisboa: Edições Almedina, 2014. p. 199-215.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras: a organização social da diferença cultural. POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998. p. 185-200.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Etnicidade: da cultura residual mais irredutível. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 96-108.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Ensaio Antropológico sobre Moral e Ética**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1996, p. 59.

SOUZA, Grayce Marye Bonfim. A Benzedura: da descoberta a legitimação do dom. **Revista Memória Conquistense**, Vitória de Conquista, p. 95-120, 2001.